

## Para além do som:

### Relato de uma experiência pedagógico-musical com surdos

*Scarlat Suiti Bessa Santos*

Universidade Estadual de Maringá - UEM  
[skarlatsbs@gmail.com](mailto:skarlatsbs@gmail.com)

**Resumo:** Neste texto apresento alguns desafios e destaques relativos a uma experiência de estágio supervisionado com surdos do Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá-Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio na modalidade Educação Especial. O estágio ocorreu com uma turma mista de crianças com idades entre 9 e 13 anos, com aulas semanais de 50 minutos, totalizando 17 horas-aulas, no decorrer do primeiro semestre letivo de 2016. Aqui relato as atividades desenvolvidas e a relação dos alunos - e a minha - com o processo pedagógico-musical. Dentre os aprendizados que tive está a desmitificação de que é possível desenvolver um trabalho de educação musical a partir de outras maneiras de ouvir/sentir música sem o uso da audição. Embora início de uma proposta como esta seja desafiadora, não há dúvidas de que é viável e possível desenvolver um trabalho profícuo.

**Palavras chave:** aulas de música com alunos surdos, estágio supervisionado, inclusão.

## Introdução

Neste texto apresento alguns desafios e destaques relativos a uma experiência de estágio supervisionado com surdos do Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá-Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio na modalidade Educação Especial. O interesse em atuar neste espaço surgiu quando tive conhecimento desta instituição dentro do campus da universidade. Ao manifestar meu interesse em atuar neste campo, professora Vania Malagutti Fialho<sup>1</sup> me indicou leituras e vídeos sobre

---

<sup>1</sup> Na ocasião professora da disciplina de educação musical II do curso de Licenciatura em Musica na UEM.

educação musical e surdez (Finck, 2009; Silva, 2014; Bonvenuto, 2013<sup>2</sup>), oportunizando reflexões e orientando minhas práticas pedagógicas neste campo.

Ao ter contato com as produções científicas sobre este tema, envolvi-me de tal forma com as leituras que devorava as páginas, e, em alguns trabalhos, como o de Silva (2014), me emocionava diante de relatos que me levavam a enxergar possibilidades efetivas de um trabalho de educação musical com surdos. Em diversas ocasiões peguei-me chorando. Assim, ao me debruçar sobre esta temática, não tive dúvidas de que gostaria de realizar meu estágio com esses alunos.

O estágio ocorreu com uma turma mista de crianças com idades entre 9 e 13 anos. Inicialmente, a turma era de 6 meninas e 3 meninos mas na 5ª semana de aula um dos meninos mudou de escola, fixando, portanto, uma turma de 8 alunos. As aulas foram semanais, de 50 minutos, totalizando 17 horas-aulas, no decorrer do primeiro semestre letivo de 2016.

## O início do estágio e a aulas de música

O primeiro passo para realizar o estágio foi uma visita dirigida ao Colégio, onde fui recebida pela coordenadora da instituição, Alice Maria Haj. Ela apresentou a escola, explicou sobre seu funcionamento, contou sobre os alunos e a equipe pedagógica e, se mostrou aberta para acolher o estágio em música na escola.

A partir das leituras previamente realizadas e da visita à instituição, comecei a experimentar um misto de empolgação, entusiasmo eufórico e também medo. Surgiram muitos questionamentos: como desenvolver atividades musicais com as crianças surdas? De que maneira iria conseguir fazê-los sentir a música? Como iria me comunicar com eles, considerando que não domino LIBRAS (linguagem brasileira de sinais)? Como eles me receberiam? E, por que do meu interesse em atuar neste campo? Quais meus objetivos para com estes alunos? Ainda não tenho respostas para estes questionamentos, à maioria deles me persegue nos planejamentos e reflexões sobre minha prática.

---

<sup>2</sup> Dentre os vídeos que assisti destacam-se: <https://www.youtube.com/watch?v=M50lcgAVLJc> entrevista com o professor Fábio Bonvenuto, idealizador da banda música do silêncio e banda acessível, música com surdos e também vídeo tratando do som do silêncio a surdez e a música, do canal do mesmo <https://www.youtube.com/watch?v=ynlruhjedwc>. Acessados 29 de maio de 2016.

Paralelamente às leituras e reflexões, iniciei as observações no colégio. A observação de estágio para Machado, Santos e Pagan (2012, p. 1) é a etapa do estágio que:

Proporciona ao estagiário um contato direto com o âmbito escolar, conhecer a organização e as dificuldades que a escola enfrenta, dentre outras atividades como, o conteúdo e as metodologias utilizadas, o planejamento, a relação professor-aluno e professor-coordenação, as dificuldades de aprendizagem e de relacionamento dos alunos. (Machado, Santos e Pagan, 2012, p.1).

No período de observação a aula ocorreu no pátio da escola, em horário de contraturno da turma. Fui apresentada como futura professora de música, e isso gerou curiosidade por parte dos alunos, que questionavam sobre minha formação, idade, qual instrumento tocava, como e que dia ocorreriam as aulas. A professora da turma trabalhou brincadeiras e jogos lúdicos<sup>3</sup>, dos quais participei ativamente. No decorrer das atividades fui colhendo informações sobre cada aluno, seja pela maneira como eles se portavam nas brincadeiras e/ou perguntas discretas à professora.

Outro aspecto importante da observação foi verificar as adaptações que a professora fazia em cada brincadeira, para torna-la possível ao contexto dos surdos. No “lenço atrás”, por exemplo, os comandos de “lenço atrás” e “corre mais”, eram feitos por gestos. Essas experiências me oportunizaram refletir sobre as possíveis adaptações e procedimentos que teria que desenvolver para atuar com estes alunos. Mostraram-me como o contato visual era importante, bem como a necessidade de ser criativa para criar estratégias metodológicas que pudessem atingir os objetivos pedagógicos aos quais propusesse.

Outro ponto importante foi conhecer a “sala de música”, que é toda revestida de madeira, com espelhos na parede e louça. Esta sala é ocupada também pelos professores de expressão corporal e judô.

---

<sup>3</sup> Dentre as brincadeiras e jogos a professora abordou: “lenço atrás, corre mais”; “cobra cega” e balança caixão.

A partir desses conhecimentos planejei a primeira aula, que consistia em exploração de sons corporais, apreciação musical por meio de vídeos<sup>4</sup> e atividades rítmicas usando jogos de copos.

Durante o planejamento dei-me conta de minha ansiedade e expectativa. A preocupação não se tratava de ir para sala de aula, mas de dar aulas de música para crianças surdas, que não possuíam a linguagem verbal e, eu não dominava a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Mesmo sabendo que teria um professor em sala, mediando a comunicação entre nós, tinha receio.

A partir da primeira aula constatei que o potencial musical das crianças era maior do que supunha inicialmente. Eles conseguiam desenvolver as propostas musicais que sugeri, tendo como especificidade o tempo deles, que era mais lento e não sincronizado. Ao dialogar com eles, a partir da mediação da professora, tive a informação do quanto eles queriam tocar instrumentos musicais convencionais. Com base nestas informações decidi uma estrutura para as aulas que consistiu em três partes: exploração livre de instrumentos musicais (convencionais e não convencionais), atividades práticas dirigidas e apreciação musical por meio de vídeos. Estas partes não seguiam necessariamente esta ordem, mas todas faziam parte da aula.

Ao definir a estrutura de aula, a preocupação estava em propor atividades que permitissem que os alunos sentissem a música efetivamente, sem apenas estarem reproduzindo gestos que não faziam sentido para eles. Neste processo, além das leituras e orientações, assisti filmes que contribuíram para melhor compreender a forma como os surdos se relacionam com o mundo. Um dos filmes foi “Palavras do silêncio”<sup>5</sup> que mostra os conflitos entre surdos e ouvintes, bem como a dificuldade dos ouvintes-adultos entenderem que as crianças surdas apresentam características similares as das crianças ouvintes.

---

<sup>4</sup> Video de percussão corporal e com copos do grupo Barbatuques: <https://www.youtube.com/watch?v=CUUQ9GkClm0> ; Música Trigêmeas cantando - All about that bass - cup version <https://www.youtube.com/watch?v=X-c20tb4Wag> - acesso em 28/04/2016.

<sup>5</sup> Trata-se de um filme lançado no EUA/1996. Depois do Silêncio (Breaking Through - Laura surda de 20 anos aprende língua de sinais, depois de conhecer uma assistente social).

A partir destas reflexões considerei também as observações da fonoaudióloga da instituição. Ela esteve presente em algumas aulas e partir de nossas conversas, inspirada por um vídeo do STOMP<sup>6</sup> comecei a trabalhar também com bastões, vislumbrando uma possível apresentação pública. Para isso, discuti, com minha orientadora, os objetivos musicais e encaminhamentos de atividades e assim providenciei um bastão para cada aluno. Como a sala é de madeira permitindo a ressonância de forma intensa, organizei diversas atividades em que os bastões percutissem o chão possibilitando que os alunos sentissem o som produzido. Assim iniciei atividades de sensibilização sonora e foi visível o quanto sentiram a vibração do toque do bastão no chão de madeira, de modo que por diversas vezes diziam estar ouvindo.

Usando o bastão como instrumento musical, explorei o dança folclórica ciranda, bem como jogos musicais onde todos pudessem aprimorar a sensibilidade de “ouvir” com o corpo, por meio da percepção musical. Para isso desenvolvi atividades como colocar toda a turma deitada no chão com olhos fechados, percutia o bastão no chão e os alunos deveriam repetir o que perceberam percutindo clavas no chão.

A reação deles foi fantástica, ficaram surpresos e até assustados com a intensidade com a qual sentiram as vibrações. De modo geral eles foram tão sensíveis às vibrações, que mesmo os alunos que estavam relativamente distantes do bastão demonstraram sentir o efeito do toque do bastão no chão.

Dando continuidade nesta atividade orientei para que todos os alunos exercessem o papel de “mestre”, ou seja, todos experienciaram estar no chão e também percutir o bastão para que os colegas sentissem a vibração e reproduzissem as batidas percebidas.

O desafio desta atividade era manter os olhos fechados. Isso porque estão habituados a se orientarem pelo visual. Contudo, de modo geral, respeitaram a regra e participaram da atividade. Esta proposta permitiu que eles sentissem a sonoridade dos bastões percutindo o chão sem vê-los. Foi uma experiência diferente e produtiva do ponto de vista do “sentir o som”.

---

<sup>6</sup> Grupo Stomp live Part 6 - Dance & Fight [https://www.youtube.com/watch?v=MM\\_rPDB8Cj8](https://www.youtube.com/watch?v=MM_rPDB8Cj8) - acesso em 30/04/2016.

As experiências com os instrumentos convencionais, bem como de apreciação musical foram significativas. Em todo o momento a vigilância estava em que os alunos pudessem sentir e elaborar sentidos a experiência musical vivida. Ao contato com os instrumentos, os alunos os exploravam de forma performática e intensa. Foram únicas a reação de cada um para com os instrumentos, nesse sentido ao enfatizar o contato com elementos da música posterior a práticas musicais apreciavam vídeos nos quais relação com o que estava sendo visto com suas anteriores práticas. Nesse aspecto a turma se mantinha em eufórica nestes momentos, demonstrando o interesse pelo universo musical.

Uma questão desafiadora nesta tarefa tem sido a comunicação, considerando que não domino LIBRAS. Contudo, a colaboração dos alunos neste quesito tem feito o diferencial. Quando me proponho a explicar algo que não estou conseguindo me fazer entender para a turma toda, quem já conseguiu me compreender faz a tradução para os colegas.

## Considerações finais

Neste texto discorri sobre parte de minha experiência com aulas de música com alunos surdos. Dentre os aprendizados que tive está a desmitificação de que é possível desenvolver um trabalho de educação musical a partir de outras maneiras de ouvir/sentir música sem o uso da audição.

Há desafios constantes nesta prática pedagógica. Uma das dificuldades que encontro constantemente é o da comunicação, por não dominar a LIBRAS. Mesmo tendo uma professora que acompanha as aulas, sinto necessidade de mais recursos para melhor conversar com a turma. Contudo, estou transpondo diversas barreiras, entendendo as maneiras de trabalhar com os surdos e descobrindo que podem fazer e sentir música. Como afirma Louro (2014, p. 7):

Muitas vezes, os professores não conseguem ter clareza da maneira como devem realizar atividades pedagógicas com estes alunos, pois desconhecem as possibilidades de adaptação ou de (re)organização do material didático, bem como do uso de outros recursos, tais como os símbolos de comunicação alternativa, materiais em relevo ou em braile, entre outros. Muitos, ainda, acreditam que o ensino de pessoas com deficiência exige conhecimentos e práticas muito diferentes das quais estão acostumados, o que gera insegurança, desconforto e pode aumentar o preconceito e a crença existente de que estas pessoas não aprendam o que não é verídico. (LOURO, 2010, p. 7).

Nesse aspecto acredito que a maior barreira para se ensinar para surdos, é o próprio preconceito embutido em nós educadores, pois este nos veda de estimular nossos alunos, não acreditando em suas possibilidades. Embora início de uma proposta como esta seja desafiadora, não há dúvidas de que é viável e possível desenvolver um trabalho profícuo.

## Referências

FINCK, Regina. Ensinando Música ao Aluno Surdo: perspectiva para a ação pedagógica inclusiva. CEFID/UDESC, Porto Alegre 2009.

LOURO, Viviane. Arte e responsabilidade social inclusão pelo teatro e pela música. TDT- ARTES São Paulo 2010.

MACHADO, Edineide da Silva; SANTOS, Maria Rejane Fagundes; PAGAN, Acácio Alexandre. Observação em sala de aula: reflexão e aperfeiçoamento para futuros professores de ciências. V fórum identidades e alteridades i congresso nacional educação e diversidade UFS-Itabaiana/SE, Brasil 2011.

SILVA, Paulo Roberto de Souza e. ENSINANDO E APRENDENDO MÚSICA COM ALUNOS SURDOS: um estudo da experiência de docência em música em uma escola regular de Governador Valadares/MG. Ipatinga 2014.